

No dia 12 de Dezembro teve lugar na Casa do Coração, em Lisboa, uma conferência de imprensa sobre a “Carta Europeia do Coração”, com a presença da Alta Comissária da Saúde, Professora Maria do Céu Machado, e o Coordenador Nacional para as Doenças Cardiovasculares, Professor Ricardo Seabra-Gomes. Falou inicialmente o Presidente da Sociedade Portuguesa de Cardiologia, Professor Hugo Madeira, cuja intervenção se transcreve: Senhora Prof^a. Maria do Céu Machado, obrigado por se ter disponibilizado para estar presente nesta conferência de imprensa, muito particularmente pelo interesse que tal representa da sua parte para com esta iniciativa. Professor Seabra-Gomes, meu caro Ricardo, obrigado por teres vindo também a esta tua Casa. Os meus cumprimentos aos Colegas aqui presentes e aos representantes dos órgãos de comunicação social, que se dispuseram vir a esta sessão receber um testemunho. E qual é esse testemunho? Ele está simbolicamente representado pelo canudo de cartão que têm em vosso poder e vos confere a responsabilidade de, tal como numa corrida de estafetas, levar a bom termo: ao conhecimento público. Dentro está a mensagem essencial desta reunião a qual nos diz que “toda a criança nascida no novo milénio tem o direito de viver, pelo menos até aos 65 anos de idade, sem sofrer de uma doença cardiovascular evitável”. É este um objectivo atingível? A Carta Europeia do Coração desafia- -nos a consegui-lo. Então o que é a Carta Europeia do Coração? A Carta, que têm na vossa mão, é o primeiro documento destinado a prevenir a doença cardiovascular na Europa. Embora tenha hoje o apoio, quer da Organização Mundial de Saúde, quer da Comissão Europeia, na verdade foi criada pela Sociedade Europeia de Cardiologia e pela Rede de Fundações Europeias, como primeira resposta pública e doutrinária face à realidade terrível da Doença Cardiovascular (DCV) na Europa. De facto, a DCV é a primeira causa de morte entre os europeus e é responsável por cerca de metade de todas as mortes ocorridas anualmente na Europa - cerca de 4,35 milhões nos 52 Estados membros da Região Europeia da Organização Mundial de Saúde (OMS) e mais de 1,9 milhões na União Europeia. A DCV que custa à economia europeia 169 mil milhões de euros por ano é responsável pela morte de mais pessoas, que todas as formas de cancro combinadas. O impacto da DCV em Portugal é semelhante. Na realidade, ela é também a primeira causa de morte entre os portugueses e responsável por cerca de 36% de todas as mortes ocorridas no nosso País, levando à morte, também, mais pessoas do que todas as formas de cancro combinadas. Que fazer então para manter a saúde cardiovascular? A resposta é simples de formular (embora difícil de cumprir): não consumir tabaco, manter actividade física adequada (pelo menos 30 minutos, 5 vezes por semana), ter hábitos alimentares saudáveis, lutar contra o excesso de peso, ter pressão arterial inferior a 140/90 mm Hg, colesterol inferior a 5mmol/L (190mg/dl) e metabolismo da glicose normal, bem como evitar *stress* excessivo. Não é necessário trabalhar-se na área de saúde para entender que “The cost to the EU from CVD in terms of lives and productivity is already enormous. Rising levels of obesity in women, the unavailability of healthy foods to some sectors of the populations, rising blood pressure levels – all these are only set to lead to an increase in CVD”. * Para reverter esta situação é necessário combater os factores de risco associados aos acidentes cardiovasculares. Desses factores, alguns são biológicos (pressão arterial ou colesterol sanguíneo elevados) e outros estão associados ao estilo de vida (consumo de tabaco ou sedentariedade). Mas há também outros factores determinantes, modificáveis - os rendimentos, a educação, as condições de vida e as condições de trabalho e, sobre estes, é necessário actuar, social e politicamente. A Carta Europeia do Coração, para reduzir substancialmente o peso da DCV na União Europeia e na Região Europeia da OMS e as desigualdades dentro de cada país e entre os vários países, pretende colocar o combate à Doença Cardiovascular na agenda política da União Europeia e dos seus estados-membros. Para isso é necessário disponibilizar um conjunto de informações que melhore o conhecimento da população sobre esta doença e os seus factores de risco e propicie uma utilização fácil pelas entidades oficiais, organizações de saúde e outras associações. Promover e apoiar políticas e medidas para reduzir a doença cardiovascular, incentivar e apoiar o desenvolvimento e a execução de estratégias de saúde abrangentes, a nível europeu, nacional, regional e local e apostar na formação e capacitação da população e dos doentes, envolvendo os meios de comunicação, aumentando a publicidade e assegurando a mobilização comunitária, são responsabilidades também da Sociedade Civil. E este é um longo caminho que todos, mas todos, temos de percorrer.

Seguidamente usou da palavra a Senhora Alta Comissária, que depois de cumprimentar os circunstantes, proferiu as seguintes palavras: “A Carta Europeia para a Saúde do Coração foi aprovada no Conselho Europeu de Ministros da Saúde em Dezembro de 2007. Por iniciativa do Alto Comissariado da Saúde, a Comissão Europeia, a OMS e o Conselho da Europa debateram em conjunto as estratégias de saúde da EU, em Lisboa, em Julho. Nesta reunião que teve cerca de 500 participantes, houve uma Sessão Paralela sobre Doenças Cardiovasculares em que foi mais uma vez realçada a importância da aprovação e adopção da Carta Europeia para a Saúde do Coração pelos estados membros, como um contributo para a diminuição do impacto económico e social associado às doenças cardiovasculares na UE. O documento de conclusões desta reunião foi incluído na agenda do Conselho de Ministros da Saúde em Bruxelas, em Dezembro. Todos os documentos foram aprovados por unanimidade.” A Sociedade Portuguesa de Cardiologia espera que Portugal adira na prática aos propósitos do Documento.

* Prof. Georgs Andrejevs – Membro do Parlamento Europeu

